

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM GESTÃO EM SAÚDE  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO

João Victor de Lima Nascimento

A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO REPRESENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE  
IDENTIDADES NOS SITES DE REDES SOCIAIS

Rio de Janeiro

2013

JOÃO VICTOR DE LIMA NASCIMENTO

A IMAGEM FOTOGRÁFICA COMO REPRESENTAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE  
IDENTIDADES NOS SITES DE REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola Politécnica de  
Saúde Joaquim Venâncio como requisito  
parcial para aprovação no curso técnico  
de nível médio em saúde, com  
habilitação em Vigilância em Saúde.

Orientador: Gregório G. Albuquerque

Co-orientadora: Cynthia Macedo Dias

Rio de Janeiro

2013

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Cidilene, pela incansável luta pelos sonhos de seu filho, e pela maneira com que fez de todos eles os seus próprios. À sua bravura, amor e dedicação no ato materno, que me deu visão para não dar passos no escuro.

A meu pai e irmãos, por terem ficado no meu pé das mais variadas maneiras possíveis, me ensinando a ser forte e a não desistir independente da situação.

A meus amigos Daniel (Maxi), Yasmin (Pomba), Alexandra, Jonathan, Tainá, Lincoln, Estevão, Carolina, Antonio, Danilo, Rafael, Eduardo, Jean e todos os outros que fizeram e fazem parte da minha trajetória, por todas as manifestações de carinho e amizade sincera. Pelo papel fundamental de cada um nas etapas na minha vida, desde o jardim de infância aos dias atuais.

A meu orientador Gregório Galvão e à Cynthia Dias, por todas as manifestações de interesse e apoio durante essa jornada, pelo tempo e pela paciência. Ah! Muita paciência!

A meu amigo e irmão de alma Ygor, por me soar sempre tão espontâneo, verdadeiro, carinhoso e companheiro de perdições da vida. Por suas transmissões de esperança em formato de abraços, lágrimas e palavras sinceras e, acima de tudo, por seu espírito livre e recheado de amor pelo novo e desconhecido, que certamente é umas das principais consequências da autonomia intelectual no ser humano. Um filme, um livro, uma fotografia, uma música, a amizade! Stand by me!

Aos prazos, aos limites e ao tempo por todas as cobranças, pelo peso na consciência, pela força que só no pior momento de fraqueza fui capaz de descobrir!

A mim mesmo por não me conhecer completamente, me adaptar e me reinventar a cada passo, a cada descoberta, a cada abraço, sendo quente ou frio que a vida oferece.

## PENSAMENTO INICIAL

*“Contra a vontade, a ninfa Liriope é possuída por Cefiso, deus e rio, e concebe Narciso. Antes era alegre e despreocupada. Agora triste e preocupada.*

*Entretanto quando seu filho nasceu, o rosto de Liriope voltou a iluminar-se de intensa alegria. O menino – que recebeu o nome de Narciso – era belo e gracioso, e certamente ao crescer, se faria amado de deusas, de ninfas e de mulheres mortais.*

*Ansiosa para saber se Narciso viveria muitos anos, a jovem procurou o cego Tirésias, adivinho cuja fama começava então ultrapassar as fronteiras da Boécia.*

*Sim, ele terá vida longa, respondeu-lhe o cego, desde que não se conheça nunca.*

*Ninguém entendeu o sentido dessas palavras. E a obscura resposta caiu no mais completo esquecimento. Até o dia em que Narciso, já adulto, deparou com sua imagem refletida na calma superfície de uma fonte. Enamorou-se tão perdidamente de si mesmo que ali ficou, dias e dias, a contemplar-se, deixando-se consumir pela fome, pela sede, pela solidão.”*

*(BRANDÃO, Junito de Souza, Mitologia Grega, Petrópolis, Vozes, 1997).*

## RESUMO

A invenção da fotografia, no século XIX, foi uma das maiores criações humanas, mudando a história da humanidade e proporcionando ao homem um instrumento fundamental na busca da própria identidade. A importância da fotografia é tão extraordinária que não se pode imaginar um ser, uma família, uma sociedade, mesmo as mais primitivas, que não tenha sido fotografada. A fotografia capta um momento, uma realidade presente/passado, no momento que ocorre, momento único, jamais repetido, jamais revivido. A foto é a testemunha ocular do fato, é a comprovação do ocorrido, é a existência contida na imagem. O registro fotográfico proporciona comunicação, é fator de reflexão e de questionamento, revela mil possibilidades de interpretações, ainda que num momento congelado e guardado para sempre. A foto motiva mudanças de comportamento e de pensamento, é força motriz de relacionamentos, se tornando também a partir do século XXI, graças aos avanços tecnológicos, fundamental no que infere na representação e criação da identidade em sites de redes sociais através da fotografia. Neste trabalho foi possível concluir que a fotografia no século XXI complexificou o processo de construção de identidade através da difusão da internet e das redes sociais.

Palavras-chave: Fotografia; Redes Sociais; Representação.

## DEDICATÓRIA

*O tempo*

*A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.  
Quando se vê, já são seis horas!  
Quando se vê, já é sexta-feira!  
Quando se vê, já é natal...  
Quando se vê, já terminou o ano...  
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.  
Quando se vê passaram 50 anos!  
Agora é tarde demais para ser reprovado...  
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.  
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...  
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...  
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.  
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.  
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.*

*Mario Quintana*

*A todos cujo nome seja João e que buscam viver em harmonia com o tempo,  
tornando-o seu maior desafio.*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
APRESENTAÇÃO .....	10
Capítulo 1: A IMAGEM FOTOGRÁFICA: HISTÓRIA E FUNÇÃO COMO INTERMÉDIO REPRESENTATIVO NA CONTEMPORANEIDADE.....	13
1.1 - O OBJETO FOTOGRÁFICO - UM BREVE HISTÓRICO.....	13
1.2 BREVE DISCUSSÃO SOBRE REPRESENTAÇÃO SOCIAL.....	15
1.3 - FOTOGRAFIA COMO MECANISMO DE REPRESENTAÇÃO.....	16
Capítulo 2: AS REDES SOCIAIS <i>ONLINE</i> E O PAPEL DA FOTOGRAFIA COMO INTERMÉDIO DE REPRESENTAÇÃO.....	20
2.1 – OS SITES DE REDES SOCIAIS <i>ONLINE</i> .....	20
2.2 - FOTOGRAFIAS COMO INTERMÉDIO DA REPRESENTAÇÃO DE USUÁRIOS DE SITES DE REDES SOCIAIS <i>ONLINE</i> .....	23
Capítulo 3: A CONSTRUÇÃO DO CARÁTER IDENTITÁRIO PELA FOTOGRAFIA: ANÁLISE DE FOTOS DE PERFIL DE USUÁRIOS DO FACEBOOK.....	27
1.1 – A CONSTRUÇÃO DO CARÁTER IDENTITÁRIO PELA FOTOGRAFIA...27	
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
BIBLIOGRAFIA.....	32

## INTRODUÇÃO

Os primeiros indícios da fotografia moderna ocorreram em 1839, quando Louis Daguerre inventou seu epônimo daguerreotipo. Um processo de criação de imagens capaz de reproduzir uma imagem fugaz em uma placa de metal em apenas 30 minutos. A partir dessa descoberta, a fotografia passou por muitas etapas de desenvolvimento, chegando ao que conhecemos hoje em dia por imagem digital. Tendo um impacto significativo em muitos aspectos da sociedade.

Um dos aspectos acaba surgindo em meio à era das tecnologias de informação e comunicação. Observando-se o papel fundamental da imagem como modelo de representação e divulgação de ideias na sociedade.

Atualmente, a introdução da tecnologia digital tem modificado drasticamente os paradigmas que norteiam o mundo da fotografia. Os equipamentos, ao mesmo tempo em que são oferecidos a preços cada vez menores, disponibilizam ao usuário médio recursos cada vez mais sofisticados, assim como maior qualidade de imagem e facilidade de uso.

A simplificação dos processos de captação, armazenagem, impressão e reprodução de imagens proporcionados intrinsecamente pelo ambiente digital, aliada à facilidade de integração com os recursos da informática, como organização em álbuns, incorporação de imagens em documentos e distribuição via Internet, têm ampliado e democratizado o uso da imagem fotográfica nas mais diversas aplicações.

Graças a esses avanços tecnológicos, principalmente na área da comunicação, por exemplo, com a difusão da Internet, que integra a cada dia que passa mais usuários a sua rede, muitas pessoas acabam se tornando adeptas da Internet, passando a conhecer e a integrar as plataformas de redes sociais *online*, que tem atualmente como modelo de sucesso o *Facebook*.

As redes sociais *online* fazem parte da evolução da internet, onde temos pessoas conectadas entre si, compartilhando valores e objetivos comuns com outros indivíduos quaisquer. A possibilidade de interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão criar laços sociais.

Uma simples definição de rede é dada por Emirbayer & Goodwin (1994, p.1449): “conjunto de relações ou ligações sociais entre um conjunto de atores (e também os atores ligados entre si)”.

Uma das condições no desempenho nas relações sociais é o diálogo, pois é o momento em que você transmite informações a seu respeito, se apresentando a alguém. Diante disso observamos o papel fundamental da imagem digital nos sites de redes sociais, onde ela é capaz de transmitir informações acerca do usuário, o representando.

De acordo com Richard Jenkins (1996) as identidades não são inatas, não nascem conosco, precisam ser construídas e esta construção passa pela interação com o outro, pois só a interação permite viver em sociedade.

Graças à fotografia digital, as pessoas são capazes de interagir umas com as outras, passando também por um processo de construção de suas identidades no contexto da realidade virtual.

Com o intuito de melhor fundamentar a análise que será desenvolvida, procuramos inicialmente definir alguns conceitos centrais que serão bastante problematizados e mencionados durante os capítulos deste trabalho.

Para isto, começamos nos preocupando em expor e discutir brevemente algumas concepções do conceito de fotografia em vários períodos históricos, de modo a traçar um paralelo direto com as diferentes formas que ela assume na atualidade, com foco em seu papel no contexto dos sites de redes sociais *online*.

A pesquisa é composta por uma revisão de literatura no primeiro capítulo, no qual será discutida a concepção de fotografia. O entendimento da fotografia enquanto assume um papel na cultura da sociedade contemporânea, de produção e reprodução de realidades e ideologias na *internet*. Neste sentido o entendimento do objeto fotográfico como mecanismo de interação e representação dos usuários dos sites de redes sociais *online*.

Para a compreensão do papel da fotografia na sociedade contemporânea são utilizados autores como Walter Benjamin (1994), Maria Ciavatta (2002) e Ana Maria Mauad (1990) em diálogo com outros autores como Erving Goffman (2004), Raquel Recuero (2009).

No segundo capítulo discutiremos o que são as redes sociais *online*, como funcionam, alguns conceitos e colocações, tendo como base a obra sobre Redes Sociais na Internet de autoria de Raquel Recuero (2009).

No terceiro capítulo são discutidas algumas noções de fotografia no âmbito da construção de identidades. Para assim, poder entender a fotografia dentro do contexto da construção de identidades e da representação do real nos sites das redes sociais.

## APRESENTAÇÃO

Um menino cheio de incertezas, inseguranças e medos.

Viver é um desafio, ainda mais quando todo o mundo parece estar contra você. Quando seus pais parecem ser inapropriados para a sua criação, quando seus irmãos não parecem ser seus, e diante disso você começa a se questionar o porquê de estar no mesmo ambiente e conviver com pessoas tão diferentes e tão indiferentes.

Um problema não pertence somente a você quando se faz parte de um denominador comum, uma família. Os problemas de alcoolismo do seu pai que atingem a autoestima da sua mãe, que fere os sentimentos dos seus irmãos, e no fim das contas todo esse turbilhão de problemas recai sobre as suas costas. Àquele, não o único, que sente não fazer parte da família, mas apesar de tudo, está amarrado a todos eles.

Uma série de fatores propicia a desestabilidade daquilo que você chama de lar, o meu lar. Toda essa situação acaba gerando muita pressão psicológica e você só quer mudar a vida de todos, você, logo você, o caçula, o que chegou por último ali, o que deveria ter menos responsabilidade, e no fim das contas parece que seu fardo é gerar a mudança e trazer a paz para aqueles que você aprendeu a se importar, e a amar, mesmo em meio às diferenças.

Verdade, em meio a esse cenário poderia ter me tornado uma pessoa violenta, ou cair em depressão, porém seria fácil demais. Administrei a paciência e deposei a minha fé no tempo e nas mudanças vindas com ele.

Não sei bem o motivo, mas durante a minha infância nunca fui de ter muitos amigos, sempre muito tímido, muito quieto, falava somente quando necessário. Criei meu mundo, um mundo cinematográfico, onde a vida segue os padrões de grandes filmes, aqueles com finais felizes. Tudo isso fazia com que eu esquecesse os problemas em casa, dos problemas gerados por esses problemas, que de um modo ou de outro interferiram na minha personalidade, no meu desenvolvimento.

O tempo foi passando e com isso o desejo de mudar minha realidade aumentou. Precisava tentar deixar do meu próprio jeito, não seria tarefa fácil, principalmente quando se trata de você sozinho contra o mundo. Buscava uma forma de passar o tempo, espairar, e assim amortecer os impactos gerados pela convivência.

Lembro-me de quando ganhei meu primeiro computador, uma “cachola”, isso já há um tempão, nele havia alguns jogos, o meu favorito era o “O Rei Leão”, perdia oras e oras ali naquele mundinho, no meu outro mundo, onde pela primeira vez me perdia no tempo pra valer e meu único desafio era virar de fase.

Durou pouco. Fui crescendo, entrando em contato com novas experiências, a mentalidade mudou, enjoei dos jogos, queria algo mais apropriado, não queria

controlar mais personagens, sentia necessidade de algo do qual nunca fui muito bom, a interação com outras pessoas, queria viver algo novo, foi assim que eu muito tímido, muito solitário na época passei a conhecer a internet. Ah, a internet! Algo que na época me pareceu mágico e fascinante. Uma rede, onde era possível navegar pelo mundo todo sem sair de casa, sem tirar os pés do chão e a bunda da cadeira. Pareceu-me ideal, uma escapatória para uma vida preso em casa.

Nessa mesma época, estourou uma grande febre na internet, as redes sociais *online*, sites onde você cria uma conta e a partir dela consegue interagir com outras pessoas.

Para uma pessoa tímida como eu, a comunicação com pessoas indiretamente através do computador “caiu como uma luva”. Amigos, vizinhos e parentes me perguntavam se eu tinha “Orkut”, febre do momento, todos pareciam ter e eu não queria ficar para trás, fiz logo questão de conhecer. Deparei-me com uma página, onde eu deveria criar meu perfil, disponibilizando informações e fornecendo uma foto minha para que meus futuros amigos usuários do mesmo site pudessem me reconhecer.

Através desse primeiro contato, criei interesse e gosto pelas redes sociais *online*. Passei a conviver nessas redes, navegar pelo perfil de outras pessoas, falar com pessoas que você nunca imaginou que falaria. Olhar as fotos produzidas por elas e de repente ser atraído por essas imagens, até perceber que você também devia produzi-las para se tornar parte inegável da rede.

Pra variar ganhei um celular com câmera, nossa, era tudo que precisava para produzir minhas próprias imagens. Foi o pontapé para que eu descobrisse meu mais novo *hobbie*, fotografar. Paisagens, o outro, autorretratos, apenas clicava sob o que chamava a atenção. Em um tempo diferente essas fotografias com certeza iriam parar em álbuns de fotos ou porta retratos. Fariam parte de recordações, de um período que não retornaria. Poucos seriam os que teriam acesso a essas produções. E de repente, esse arsenal de imagens passa a ser depositado em sites virtuais, onde não há limites de visualizações.

Não demorou muito para outras redes sociais *online* “melhores” e mais “atrativas” chegassem à internet, e foi assim que aconteceu, o “Orkut” perdeu espaço, e uma nova rede social, mais dinâmica, com mais usuários e mais forte surgiu, o “Facebook”.

Observei a maioria dos jovens da minha idade, fígados por essa rede, assim como eu fui. Pessoas que eu nunca vi na vida e que provavelmente não verei, conheci através de uma fotografia. Tantos perfis, tantas imagens circulando, fotografias capazes de representar os usuários desses sites de relacionamento, possibilitando que através delas os mesmos pudessem interagir com os demais usuários.

A tecnologia vem se desenvolvendo para ser uma aliada da nossa geração. Hoje em dia, graças a ela, se tornou possível, por exemplo, acessar a internet e fazer uso de redes sociais em qualquer lugar através dos “smartphones”, celulares com funções de computador.

O sucesso do novo, a repercussão do produto nas mídias, faz com que as pessoas sintam a necessidade de ter, conhecer, experimentar e vivenciar, sendo assim esses aparelhos tecnológicos acabaram sendo adotados por um grande público, principalmente jovem, que vê nesse tipo de tecnologia a chave para se integrar. As redes sociais, em particular o “Facebook”, faz com que você se integre e faça parte de uma rede onde a maioria das pessoas se conectam.

Seguindo essa ordem, devido ao sucesso, outras redes sociais foram surgindo com a mesma linha de raciocínio, trabalhar a interação a partir de fotografias. Um exemplo é o “Instagram”, uma rede com base necessariamente na produção de imagens.

De alguma maneira, sua criatividade acaba sendo estimulada e dessa forma é possível que outras pessoas vejam o que você viu, ou captem a mensagem que você quer passar através da produção de uma imagem, sua forma de ver o mundo, a beleza da sua cidade, dos lugares que você frequenta e até mesmo se aproximar de você através de autorretratos, já que muitos não o conhecem pessoalmente, e/ou não convivem no seu cotidiano. Dessa forma você acaba criando autonomia dentro desse espaço virtual, permitindo assim que você construa uma projeção identitária dentro dessa perspectiva.

Meus dois novos vícios surgiram através do uso da internet, a produção de imagens e o uso das redes sociais. A forma com que essas duas coisas pareciam ser intrínsecas. A partir daí, comecei a analisar melhor esse mundo, o mundo virtual onde acabava passando a maior parte do meu tempo.

Estava no mundo procurando por outro, uma realidade que eu não queria fazer parte, tentando fugir das minhas frustrações, querendo que o tempo passasse sem causar tanta dor. Foi assim que acabei me refugiando, me prendendo ao mundo virtual, me aliei a ele e quando percebi já estava preso e fazendo daquele mundo o meu, criando a minha identidade dentro dele.

Com a convivência nesse ambiente surgiram percepções empíricas, principalmente referentes ao uso da imagem e as possibilidades dispostas por ela. Sendo assim o interesse nesse estudo é tentar compreender como a fotografia, utilizada através do tempo por muitas culturas, principalmente para registrar fatos históricos, comemorações, reuniões familiares, se torna com os avanços da tecnologia uma ferramenta de autoconhecimento e base para as interações propiciadas pelos sites de redes sociais, fomentando a representação de si de seus usuários.

# Capítulo 1: A IMAGEM FOTOGRÁFICA: HISTÓRIA E FUNÇÃO COMO INTERMÉDIO REPRESENTATIVO NA CONTEMPORANEIDADE

## 1.1 - O OBJETO FOTOGRÁFICO - um breve histórico

Segundo Benjamin (1994), a invenção da fotografia foi disputada por diversos pesquisadores, que trabalhando independentemente, visavam o mesmo objetivo: fixar as imagens da *camera obscura*. Porém somente após cinco anos de esforços Niepce e Daguerre alcançaram simultaneamente esse resultado.

Na época, houve a intervenção do Estado, que ocorreu em vista das dificuldades encontradas pelos inventores para patentear a descoberta, e, depois de indenizá-los, colocou a invenção no domínio público, criando assim condições para um desenvolvimento contínuo e acelerado no que dizia respeito à captação de imagens.

Os clichês de Daguerre eram placas de prata, iodadas e expostas na *camera obscura*; elas precisavam ser manipuladas em vários sentidos, até que se pudesse reconhecer, sob uma luz favorável, uma imagem cinza-pálida. Tratava-se de peças únicas, caras e não raro guardadas como joias.

Nas mãos de pintores da época, foram transformadas em recursos técnicos. Utrillo, setenta anos depois, relatou os arredores de Paris através de cartões postais. David Octavius Hill, retratista famoso escreveu seu nome na história ao introduzir meios auxiliares destinados ao uso do próprio artista na perspectiva fotográfica.

Se os quadros permaneciam no patrimônio da família, havia ainda uma certa curiosidade pelo retratado. Porém com o passar dos anos, esse interesse foi se perdendo e os quadros passaram a valer apenas como testemunho do talento artístico de seu autor.

Nasce assim um período caracterizado pela captação do instante, do arranjo dos modelos no ambiente retratado. O próprio procedimento técnico levava o modelo a viver não ao sabor do instante, mas dentro dele. Tudo nessas primeiras imagens era organizado para durar. A paisagem, a roupa, os acessórios que compunham o cenário. Era tudo feito sob medida para que a imagem pudesse transmitir ou recriar a ideia proposta.

No momento em que Daguerre conseguiu fixar as imagens da *camera obscura*, os técnicos substituíram, nesse ponto, os pintores. Os retratos em miniatura foram dominados pela arte da fotografia. A evolução foi tão rápida que em pouco tempo a maioria dos pintores de miniaturas se transformaram em fotógrafos.

Mais tarde começam a surgir os álbuns fotográficos. Esses podiam ser encontrados na sala de visitas, onde por ocasião eram mostrados às pessoas. A

fotografia tinha por objetivo a valorização do tempo presente que pôde ser registrado no uso dessa nova técnica, que tomou grandes proporções na sociedade da época e vem se desenvolvendo até os dias atuais.

Na fotografia, o valor de exposição começa a afastar, em todos os aspectos, o valor de culto. Porém, este não cede sem resistência. Ocupa uma última trincheira: o rosto humano. Não é, de modo nenhum, por acaso que o retrato ocupa um lugar central nos primórdios da fotografia. (...) No culto da recordação dos entes queridos, ausentes ou mortos, o valor de culto da imagem tem o seu último refúgio. Na expressão efêmera de um rosto humano acena, pela última vez, a aura das primeiras fotografias. É isso que faz a sua melancolia e beleza inigualáveis. Mas quando o homem se retira da fotografia, o valor de exposição sobrepõe-se, pela primeira vez, ao valor de culto. (...) Com a emancipação de cada uma das práticas da arte, do âmbito ritual, aumenta oportunidades de exposição dos seus produtos. A possibilidade de expor um busto que pode ser enviado para qualquer lado, é maior do que a de expor uma divindade que tem o seu lugar no interior de um templo. A possibilidade de expor uma pintura é maior do que a de expor um mosaico ou o fresco que a precederam. E ainda que a possibilidade de expor, em público, uma missa não seja inferior à de o fazer relativamente a uma sinfonia, esta surgiu numa época em que a sua possibilidade de ser exposta prometia ser superior à da missa (Benjamin, 1995, p.168).

Benjamin expõe um deslocamento no status da arte tradicional, à medida que o aparecimento de meios técnicos de reprodução, tais como a fotografia e o cinema, começam a dominar a imaginação do público em geral. Relacionando a fotografia com a mortalidade e o deslocamento da imanência pela informação, onde se põe o espectador da arte como um crítico desinteressado, avaliando o objeto reproduzido por uma fotografia meramente no que toca à sua apresentação externa, mostrando que de forma a obra de arte perde seu “valor de culto”.

Com a xilogravura, o desenho se tornou pela primeira vez tecnicamente reproduzível, seguido por uma nova técnica, a litografia. Essa permitiu que a técnica de reprodução atingisse um patamar diferente, por se tratar de um procedimento mais preciso, que transcrevia para uma pedra a imagem a ser concebida, permitindo que pela primeira vez que as artes gráficas pudessem ser postas no mercado. O surgimento dessa técnica deu a principio a possibilidade de se criar arte, e dessa forma as artes gráficas passaram a ilustrar a vida cotidiana.

A fotografia surge, dando ao usuário dessa técnica a possibilidade de criar arte apenas com o uso do seu olhar associado a um aparato técnico. Ao fazer uso dessas técnicas, o valor de exposição da obra de arte ganha funções inteiramente novas, entre as quais a “artística”. Isso permitiu que a reprodução das imagens se desse num nível ainda maior do que acontecia com técnicas menos precisas. Sendo assim a imagem pôde

ser reproduzida na mesma velocidade que a palavra oral, fazendo com que não houvesse mais a existência única da obra em um único lugar específico. Uma mesma obra pôde então ser adquirida por diversas pessoas, tornando-a não mais autêntica e sim um produto da reprodução.

Na modernidade, as imagens ganham uma maior capacidade técnica de se reproduzir, disseminar-se e serem vendidas devido à difusão do livro, de imagens de propaganda para a massa, da invenção da fotografia, do cinema e depois do rádio, da televisão e do computador.

A grande mudança no que se refere à fotografia ocorre a partir do final do século XX: a digitalização dos sistemas fotográficos. A fotografia digital mudou paradigmas no mundo da fotografia, minimizando custos, reduzindo etapas, acelerando processos e facilitando a produção, manipulação, armazenamento e transmissão de imagens pelo mundo.

## **1.2 - BREVE DISCUSSÃO SOBRE REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

Goffman (2002) em uma de suas teses acerca do comportamento social do indivíduo relata a *crença no papel que o indivíduo está representando*.

Quando um indivíduo chega na presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação socioeconômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece, etc. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada. (Goffman, 2002, pg.11)

Todos possuem a capacidade de gerar uma impressão, nem sempre eficaz para a situação corrente.

Para Goffman (2002) quando o indivíduo está na presença imediata de outros, sua atividade terá um caráter promissório, ou seja, os outros provavelmente acharão que devem aceitar o indivíduo em confiança, oferecendo-lhe uma justa retribuição enquanto

tiver presente, em troca de algo cujo verdadeiro valor só será estabelecido quando ele se retirar.

O controle com que o indivíduo vai se representar é realizado principalmente através da influência sobre a definição da situação que os outros venham a formular. O indivíduo pode ter influência nesta definição expressando-se de tal modo que dê aos outros a espécie de impressão que os levará a agir voluntariamente de acordo com o plano que havia formulado. Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, a própria situação de interação que a leve a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhes interessa transmitir. “Os outros por certo, podem perceber que o indivíduo está manipulando o aspecto supostamente espontâneo de seu comportamento e procurar no próprio ato da manipulação alguma variação da conduta que o indivíduo não tenha conseguido controlar.” (Goffman, 2002, pg.17)

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério sua impressão sustentada perante eles. Pedes-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser. Concordando com isso há o ponto de vista popular de que o indivíduo faz sua apresentação e dá seu espetáculo “para benefício dos outros”. (Goffman, 2002, pg.25)

A interação pode ser definida em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros.

### **1.3 – FOTOGRAFIA COMO MECANISMO DE REPRESENTAÇÃO**

Há muito, as imagens têm sido meio de expressão da cultura humana. Hoje na era das tecnologias de informação e comunicação, observamos o papel fundamental da imagem como modelo de representação e divulgação de ideias em sociedade.

A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar, é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente. Percebemos, em geral, o movimento de um homem que caminha, ainda que em grandes traços, mas nada percebemos de sua atitude na exata fração de segundo em que ele dá um passo. A fotografia nos mostra essa atitude, através dos seus

recursos auxiliares: câmara lenta, ampliação. Só a fotografia revela esse inconsciente ótico, como só a psicanálise revela o inconsciente pulsional (Benjamin, 1994, p.94).

Capturar uma imagem nos possibilita adentrar nos detalhes mais minúsculos, suficientemente ocultos e significativos do cenário, tornando-se possível o ato de transformar um cenário de acordo com a imagem que gostaríamos de retratar. Sendo assim, conseguimos enxergar detalhes que acabam tornando a fotografia uma técnica onde é possível exprimir cada detalhe da cena que está sendo retratada.

O próprio procedimento técnico levava o modelo a viver não ao sabor do instante, mas dentro dele, durante a longa duração da pose, eles por assim dizer cresciam dentro da imagem, diferentemente do instantâneo (...). Tudo nas primeiras imagens era organizado para durar, (...) os grupos incomparáveis formados quando as pessoas se reuniam, e cujo desaparecimento talvez seja um dos sintomas mais preciosos do que ocorreu na sociedade a partir da segunda metade do século (Benjamin, 1993, p.95).

Salutar, portanto, é estudar a fotografia como instrumento de mediação primária, isto é, aquela que se interpõe entre o homem e a natureza, e que labuta como alicerce incipiente de Telerrealidade, ou seja, da construção da visão de mundo a partir de lentes que estão a serviço das corporações midiáticas (Collares, 2008 p.9).

O instante capturado do Real, no qual era fragmentado, ou melhor, o recorte daquela imagem comprometia o traço de verossimilhança com a realidade. O procedimento técnico da fotografia permite que as pessoas se criem dentro de uma imagem, inventando assim um cenário de acordo com suas perspectivas. No caso funcionava como uma forma de representação encenada do cotidiano. Muitas pessoas se reúnem com o intuito de guardar um momento, sendo assim elas constroem a cena e dirigem suas respectivas representações perante a câmera.

A fotografia com suas funcionalidades consegue construir uma visão de mundo a partir de suas lentes, devido a isso, elas são utilizadas fortemente pelas corporações midiáticas. Tornando-se uma ferramenta de proliferação de uma determinada mensagem que será transmitida de uma fonte emissora para um meio receptor. Podemos perceber, por exemplo, essa utilização da imagem na produção de um jornal, onde a fonte emissora é a redação, e há um grupo de técnicos para produzir a foto, editá-la e preparar uma legenda e/ou um comentário acerca dela. Toda essa produção para que a imagem possa ser comprada pelo público desse jornal.

Tornaram-se as imagens “capazes” de corroborar o real. É como se não houvesse mais a distinção entre o que é visível-capturado e o que é real. A máxima que indicava a incredulidade do apóstolo Tomé, para quem era “preciso ver para crer”, adquiriu tal dimensão com as novas tecnologias que acabou por ter seu sentido deturpado. Assim, para o senso comum recebe alto o grau de confiabilidade tudo aquilo que se possa ver. (...) Assim, nosso alerta é que essas novas tecnologias poderão atuar de maneira escamoteada, isto é, valendo-se de recursos em que a manipulação da realidade é exercida sublinaramente (Collares, 2008 p.9).

Como Collares afirma, a imagem ganhou uma credencial de recurso “capaz” de retratar o real, e, assim, toda imagem acaba por receber um alto grau de confiança pelo senso comum. Porém, valendo-nos dos recursos da fotografia, conseguimos exercer a manipulação da realidade, criar algo inconsistente em relação à realidade e fazer com que as pessoas acreditem na imagem fotográfica construída e manipulada por mãos humanas.

(...) Um pensamento seria construído através de noções visualizadas, imagens seriam utilizadas na sua construção, ou seja, a construção de um novo paradigma estético, cuja tentativa é pensar através de imagens. (...) A imagem em Walter Benjamin, então, torna-se mais do que uma exemplificação. Ela é parte de um processo de construção de linhas de pensamento. Transformada em palavra – ou até feita das próprias palavras-, a imagem torna-se integrante da uma maneira de Benjamin compreender o mundo. Ele não só pensa por meio de imagens, ele também pensa com imagens (Júnior; Landim, 2008, p.1).

Quando olhamos para uma imagem, pensamos e conseguimos compreender o mundo que a envolve, seu contexto e a mensagem que ela quer passar. Quando não estamos satisfeitos com a nossa aparência, por exemplo, simplesmente pensamos em uma maneira de mudá-la, transformá-la de forma que as pessoas gostem da imagem que estamos vendendo. A fotografia como técnica pode exprimir uma imagem que se possui do seu “eu” dentro da sua consciência, isso auxilia na construção de uma imagem ideal de acordo com o que se espera representar no seu meio social. Logo podemos ver que a imagem consegue transmitir àquilo que pensamos ou sentimos. Essa ideia pode ser vista todo tempo dentro das redes sociais, onde existe uma grande circulação de imagens que transmitem formas de pensamento e/ou expressão.

Somente o corpo único, gravado com sua fisiologia própria herdada e, principalmente, seus hábitos inconscientes e adaptações à vida que leva, poderia denunciar uma identidade que se tornou produto e resíduo de sua história de vida. [...] Os tipos mais habilidosos na preparação de uma fisionomia falsa para a câmera fizeram suas caretas em vão. O sol foi mais rápido que eles e aprisionou as linhas do perfil e os traços e capturou a expressão antes que ela pudesse ser disfarçada. Não se tem um retrato aqui,

mas algumas características marcadas, pelas quais pode-se identificar o homem que foi fotografado. (Charney et al, 2004, p.42)

A fotografia podia ser entendida como uma forma de representação com caráter realista, que poderia transformar a cena capturada em algo de identidade única. Esse meio mecânico e objetivo de criar uma imagem se tornou uma ferramenta importante em algumas profissões, como por exemplo, no uso por policiais.

Devido sua capacidade de indexação e precisão na captura de uma imagem, forneceu meios fundamentais para vincular a identidade a um corpo específico e único. Assim a identidade individual pôde ser dissimulada.

O criminoso poderia usar de artimanhas para tentar esconder sua identidade, porém com o auxílio desse mecanismo de identificação, é possível o reconhecimento de pontos específicos na imagem que levem a detecção desse indivíduo. A identidade desses criminosos era construída através de um papel que os representava, tornando possível o reconhecimento dos mesmos pela população.

Essa técnica permitia também que as características físicas pudessem ser analisadas sem que os indivíduos fotografados estivessem presentes no ambiente. O indivíduo tinha a liberdade de transformar sua forma física para parecerem diferentes no resultado do processo, sendo assim a fotografia podia apresentar um recorte do real comprometido, modificado. As possibilidades dessa técnica vão além da capacidade do olhar humano, por isso sua importância na identificação, pois além da sua competência móbil, também podia ser minuciosamente estudada.

## **Capítulo 2: AS REDES SOCIAIS *ONLINE* E O PAPEL DA FOTOGRAFIA COMO INTERMÉDIO DE REPRESENTAÇÃO**

### **2.1 – OS SITES DE REDES SOCIAIS *ONLINE***

Sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de *softwares sociais*, que seriam *softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada pelo computador.

Recuero, 2009 diz:

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. Dentre elas a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais. É neste âmbito que a rede como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet é utilizada através da perspectiva de rede social (Recuero, 2009, pg.25)

As redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões (Recuero, 2009). Essas representações são, geralmente, individualizadas e personalizadas. Podem ser constituídas, por exemplo, de um perfil no Facebook, um weblog ou mesmo no Instagram.

As conexões, por outro lado, são os elementos que vão criar a estrutura na qual as representações formam as redes sociais.

Essas conexões, na mediação da Internet, podem ser de tipos variados, construídas pelos atores da intervenção, mas mantidas pelos sistemas online. Por conta disso, essas redes são estruturadas diferenciadas. Ora, é apenas por conta dessa mediação específica que é possível a um ator ter, por exemplo, centenas ou, até mesmo, milhares de conexões, que são mantidas apenas com o auxílio das ferramentas técnicas.

Assim, redes sociais na internet podem ser muito maiores e mais amplas que as redes off-line, com um potencial de informação que está presente nessas conexões. (Recuero, 2009)

## 1. Os Elementos das Redes Sociais na Internet

As redes sociais na internet possuem elementos característicos, que servem de base para que a rede seja percebida e as informações a respeito dela sejam apreendidas. Esses elementos no, entanto, não são imediatamente discerníveis.

### 1.1 Atores

Os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Trata-se das pessoas envolvidas na rede que se analisa. Como partes do sistema, os atores atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais.

Quando se trabalha com redes sociais na Internet, no entanto, os atores são constituídos de maneira um pouco diferenciada. Por causa do distanciamento entre os indivíduos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço.

### 1.2 Conexões

Enquanto os atores representam os nós (ou nodos) da rede em questão, as conexões de uma rede social podem ser percebidas de diversas maneiras. Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores.

As relações sociais atuam na construção dos laços sociais (Garton, Haythornthwaite & Wellman, 1997). O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social. Wellman (2001, p.7), define-os:

Laços consistem em uma ou mais relações específicas, tais como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflito ou suporte emocional. A interconexão destes laços canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais. Os padrões destas relações a estrutura da rede social – organizam os sistemas de troca, controle, dependência, cooperação e conflito.

Os valores mais comumente relacionados aos sites de rede social e sua apropriação pelos atores, de acordo com Recuero, 2009, são:

#### Visibilidade

Os sites de redes sociais permitem aos atores sociais estar mais conectados. Isso significa que há um aumento da *visibilidade social* desses nós. A visibilidade é constituída enquanto um valor porque proporciona que os nós sejam mais visíveis na rede. Com isso, um determinado nó pode amplificar os valores que são obtidos através dessas conexões, tais como o suporte social e as informações. Quanto mais conectado está o nó, maiores as chances que ele receba determinados tipos de informação que estão circulando na rede e de obter suporte social quando solicitar.

#### Reputação

Um dos valores principais construídos nas redes sociais é a reputação. Embora seja associada por diversos autores com a confiança (Golbeck & Hendler, 2004; Hogg & Adamic, 2004, entre outros), a reputação é relacionada às informações recebidas pelos atores sociais e sobre o comportamento dos demais e o uso dessas informações no sentido de decidir como se comportarão. A reputação, portanto, é aqui compreendida, como a percepção construída de alguém pelos demais atores, e, portanto, implica três elementos: o “eu” e o “outro” e a relação entre ambos. O conceito de reputação implica diretamente no fato de que há informações sobre quem somos e o que pensamos, que auxiliam outros a construir, por sua vez, suas impressões sobre nós.

#### Popularidade

A popularidade é um valor relacionado à audiência, que é também facilitada nas redes sociais na Internet. Como a audiência é mais facilmente medida na rede, é possível visualizar as conexões e as referências a um indivíduo e a popularidade é mais facilmente percebida. Trata-se de um valor relativo à posição de um ator dentro de sua rede social. Um nó mais centralizado na rede é mais popular, porque há mais pessoas conectadas a ele, por conseguinte, esse nó poderá ter uma capacidade de influência mais forte que outros nós na mesma rede. Esses nós poderiam ser também aqueles classificados por Recuero, apud Barabási (2003) como conectores.

A popularidade também é relacionada ao número de comentários e ao tamanho da audiência de cada site.

Autoridade

A autoridade refere-se ao poder de influência de um nó na rede social. Não é a simples posição do nó na rede, ou mesmo, a avaliação de sua centralidade ou visibilidade. É uma medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele. Autoridade, portanto, compreende também reputação, mas não se resume a ela. Autoridade é uma medida de influência, da qual se depreende a reputação.

## **2.2 – FOTOGRAFIAS COMO INTERMÉDIO DA REPRESENTAÇÃO DE USUÁRIOS DE SITES DE REDES SOCIAIS ONLINE**

Nas redes sociais a fotografia auxilia na identificação de seus usuários. Através dela, eles conseguem construir uma representação do que querem aparentar para o público, induzindo a construção de relações com os que utilizam esses sites. “Quando uma rede de computadores conecta uma rede de pessoas, e organizações, é uma rede social” (Recuero, apud Garton et al, 1997, p.1).

Os sites de redes sociais nos permitem enxergar uma forma de “sociedade virtual”, onde as pessoas se conectam através de computadores para desenvolver relações sociais. A comunicação social permite que as pessoas se comuniquem como ocorre com o uso do telefone, de cartas e do telégrafo.

Outro elemento que é característico das redes sociais na Internet é sua capacidade de difundir informações através das conexões existentes entre os atores. Essa capacidade alterou de forma significativa os fluxos de informação dentro da própria rede. O surgimento da Internet proporcionou às pessoas a possibilidade de difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Tal mudança criou novos canais, e, ao mesmo tempo, uma pluralidade de novas informações circulando nos grupos sociais. (Recuero, 2009)

Com o surgimento dos sites de redes sociais, foi possível que as formas de interação alcançassem um patamar diferenciado se comparado às formas de mediação comunicacionais citadas anteriormente. Essa forma de comunicação mediada pelo computador permite que um indivíduo se apresente ao público que utiliza esses sites através da criação de uma conta e o preenchimento de um perfil *online*. As formas de

interação apresentadas pelas redes sociais possibilitam uma forma de interação mais próxima do pessoal. A complexidade de divulgação de informações nesses sites permite que os usuários consigam se representar e promover sua imagem nesse ambiente de relações sociais.

Segundo Recuero, 2009 os atores no ciberespaço podem ser compreendidos como indivíduos que agem através de representações performáticas de si mesmos, assim como na vida real, em suas páginas pessoais, como, o Facebook.

De um modo geral, a mediação pelo computador oferece novos lugares, ou seja, novos espaços para conhecer pessoas com interesses em comum e estabelecer laços sociais.

A comunicação mediada por computador apresentou às pessoas formas de manter laços sociais fortes mesmo separadas a grandes distâncias, graças a ferramentas como Skype e chats. Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação. (Recuero, 2009)

É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se do ciberespaço e constituindo um “eu” ali (Efimova, 2005, pg.32)

Quando um determinado indivíduo desempenha um papel, por exemplo, como usuário de redes sociais *online*, implicitamente solicita que os outros usuários dessa mesma rede (os observadores) levem a sério a impressão que sustenta perante eles. No caso esse indivíduo está ansiando que acreditem nas impressões que tenta promover através das informações que disponibiliza.

É comum ver nas redes sociais *online* àquilo que do ponto de vista popular se chama espetáculo “para benefícios de outros”. Ocorre quando um indivíduo apresenta informações sobre si para se representar aos telespectadores e assim tentar construir uma realidade para expor a aqueles os quais se encontra. “O indivíduo vive de representações e está sempre se representando, podendo variar de representação de acordo com o grupo em que se insere e seu objetivo particular a ser cumprido.” (Goffman, 2002)

A partir do interesse que um usuário, por exemplo, do Facebook apresenta nesse site, torna possível a premeditação das ações que irá tomar, podendo assim inferir na definição e na construção dessa realidade em que está representando perante os que compartilham o mesmo espaço.

Quando um indivíduo chega diante de outros suas ações influenciarão a definição a situação que se vai apresentar. Às vezes, agirá de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter. (Goffman, 2002, p. 15)

No Facebook, por exemplo, há a disposição de mecanismos de interação entre seus usuários, como por exemplo, as opções: curtir, comentar e compartilhar publicações. Para isso, é preciso que se crie uma conta nesse site e construa um perfil contendo seus dados pessoais e uma imagem sua, fazendo com que os atores desse mesmo site possam reconhecer interesses em seu perfil.

A fotografia, através das suas possibilidades de produção e manipulação, consegue também responder às necessidades e inquietações referentes à estética dos indivíduos. Podendo assim ser utilizada de maneira que o usuário desse site tenha a liberdade de criar uma imagem que não se adeque ao que ele representa pra sociedade.

A foto de perfil vai representar nesse site aquilo que quer que as pessoas enxerguem ou pensem a seu respeito, sendo aquilo que se está querendo bancar para elas. Acontece que para se apresentar nesse site, o usuário acaba construindo uma imagem incoerente ao que representa no seu cotidiano, visando melhorá-la, e assim aumentar a procura por seu perfil nesse site e sua aprovação pelos usuários. No caso, esse indivíduo estaria transmitindo sua expressividade (sua capacidade de dar impressão) através da fotografia.

Como uma evidência que não pode ser negada, a fotografia é de fato indiscreta, captando informações que de outra forma poderiam ser mantidas em segredo ou justificadas. (Charney et al, 2004)

Por apresentar a capacidade de indexação, precisão icônica e mobilidade de circulação, a fotografia fornece os meios fundamentais para vincular a identidade de um algo ou alguém em sua unicidade. Podendo assim dizer, ela contribui para o processo de identificação de um determinado indivíduo. Tal mobilidade dissimula a identidade suposta de um ser para o conhecimento de outros.

O uso de recursos de manipulação fotográfica torna possível que um indivíduo possa editar uma foto de acordo com seu respectivo anseio. Se ele pretende criar uma imagem ideal esteticamente, poderá corrigir seus defeitos, ou melhorar a qualidade da

imagem, ou então adicionar características que queira que enxerguem em sua imagem e dessa forma induzir o resultado que espera representando-se através da imagem.

O usuário consegue criar/transformar uma imagem representativa, mascarando semelhanças do seu cotidiano em um convite às relações sociais. O usuário pode, de acordo com seu objetivo pessoal, criar uma imagem que o represente da maneira que quer ser visto, podendo, através dessa representação de si, criar uma identidade ou se representar através de um perfil virtual.

Ao agregar imagens em sua conta, o usuário está interagindo e dessa forma contribuindo para o processo de construção de sua identidade na rede.

### **Capítulo 3: A CONSTRUÇÃO DO CARÁTER IDENTITÁRIO PELA FOTOGRAFIA**

Judith Donath (1999) sustenta que a percepção do Outro, é essencial para a interação humana. Ela mostra que, no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia na informação geralmente anônima do ciberespaço. Esse requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada. Essas questões são importantes por que trazem a necessidade de que o ator, que se expressa através da comunicação mediada pelo computador, seja individualizado e percebido de modo a proporcionar as pistas necessárias para a interação social. (Recuero apud, Judith Donath, 2009)

Essa construção personalizada é visível em muitos elementos utilizados no ciberespaço. Nos perfis do Facebook, por exemplo, é clara a individualização e a construção pessoal de cada página. Ali são expostos os gostos, as paixões, os ódios dos atores sociais.

Quaisquer que sejam as reivindicações morais a favor da fotografia, seu principal efeito é converter o mundo numa loja de departamentos ou num museu sem paredes em que todo tema é degradado na forma de um artigo de consumo e promovido a um objeto de apreciação estética. Por meio da câmera, as pessoas se tornam clientes ou turistas da realidade [...], pois a realidade é entendida como plural, fascinante e à disposição de quem vier pegar. Ao trazer o exótico para perto, ao tornar exóticos o familiar e o doméstico, as fotos tornam disponível o mundo inteiro como um objeto de apreciação. (Camargo, Hertz apud, Sontag, Susan, Sobre fotografia, p.126)

Na relação do homem com os álbuns digitais, com atenção aos álbuns do Facebook, ver e ser visto propulsiona o olhar hedônico e narcísico, sendo assim, sugere a busca pelos valores comumente abordados nesses sites, dentre eles a visibilidade, popularidade e reputação.

A natureza concomitantemente icônica, indicial e simbólica da fotografia sempre sugeriu a ponte entre o homem e o mundo, entre o olhar e o real. Através dela é possível a construção por edição e processos fotográficos que melhoram e facilitam a idealização da imagem que se constrói para ser observada

Assim, a partir de interações com o mundo simbólico, os sujeitos constroem as identidades culturais coletivas das pessoas, enquanto imaginam e experimentam valores e hábitos já estruturados no mundo real. Diante dessas alegorias sociais que emanam da memória coletiva, sabe-se que as imagens hoje participam da construção de tais memórias e identidades, tanto que suprem papéis de outras instituições. Talvez por esse fato essas imagens sejam hoje os espaços privilegiados de expressão do comum

desejado. Nesses espaços de simbolização e de memória residem representações sócias e também ocorre a mediação simbólica dos desejados coletivos, de forma plural e fragmentária. Assim as imagens do cinema, da televisão, da publicidade e da internet expressam alegorias visuais da sociedade contemporânea. (Camargo, Hertz apud, Dias, 2007, pg.1)

A fotografia possibilita ao usuário de um site de rede social, ser um narrador de si mesmo, pois “a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz” (Benjamin, 1994, pg.221)

Pode-se dizer que no mundo virtual passado-presente-futuro, estes sentidos que nos dão identidades fazem parte de um único movimento de cognição e apreensão do mundo, isto porque a percepção do sujeito é deslocada do ambiente “real”, da temporalidade objetiva, e é projetada para um plano de comunicação onde tempos e espaços são conectados pela presença dos usuários da Internet. A existência se estabelece no diálogo, na troca, pela interação, pelas interfaces. É neste sentido que o mundo virtual adquiriu materialidade, sendo expressão da imaginação e da comunicação.

A imagem que antes carregava um conceito mais visado para o registro de acontecimentos começa a ser utilizada promocionalmente na construção de uma identidade para a interação nas redes sociais.

Ao usuário – através das possibilidades técnicas de acesso e facilidade de aquisição de equipamentos de fotografia digital – é permitido a ilusão do criativo, do diferente, do inovador dentro da uniformização ideológica e estética da foto de perfil.

Ilusoriamente, o usuário do Facebook pensa estar se diferenciando em seu perfil, mas o que ele faz é seguir uma didática visual e espacial, como, por exemplo, postar as imagens num limite de tamanho e com determinadas extensões, em locais certos, suas ideias e preferências ao pensar o cenário. No processo de busca da sua identidade, o usuário torna-se “idêntico” a todos os outros.

O corpo como elemento panorâmico é um reincidente sujeito das narrativas fotográficas das fotos de perfil. Em ângulos e posições determinados antes do registro fotográfico, posteriormente em vivisseção pela moldura fotográfica, e depois manipulado pelos softwares de edição de imagens, o corpo do usuário é presentificado numa anatomia visual como o outro. O corpo é dissecado, repartido, recortado, alterado em cores e formas, onde cada fragmento representa o inteiro do usuário.

Na autobusca, o homem contemporâneo conhece o outro ao se observar, ao participar como espectador de sua própria biografia visual, e deseja saber quais histórias (memórias) estão marcadas em sua pele ao mesmo tempo em que recria essas histórias.

A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada

seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está aparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (Benjamin, 1994, pg.201).

O corpo fragmentado é composto de outras formas. Podemos ver, por exemplo, os objetos do seu quarto, uma imagem da janela da cidade do Rio de Janeiro, seu cachorro de estimação, sua namorada, um desenho em 3D, uma tatuagem ou algum objeto que o esteja representando. Essa composição na foto compõe a construção da autonomia do dono desse perfil, contribuindo na construção do caráter identitário pela fotografia.

O homem não é apenas corpo orgânico, tudo ao seu redor é seu corpo, sua extensão, pois em todas as imagens ele está presente, em partes, cacos, projeções, em tramas multimidiáticas de objetos, pessoas, seres, a cidade, a linguagem, as palavras. “Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma articula na outra.” (Benjamin, 1994, p.2011).

Assim como uma procuração, as imagens substituem o homem perante o mundo. São seus dublês de corpo. “Estar bem na foto”, é hoje segurança de ser personagem de uma história visual bem narrada e, de certa forma, de pré-conceber a interpretação alheia.

O corpo como sujeito na narrativa visual nos álbuns digitais está a serviço da construção de uma impressão do usuário, inserida na teatralidade virtual, na propaganda pessoal, na composição da forma que ele deseja ser visto por outros milhares de espectadores. Assim como Goffman explicita em sua tese de que o indivíduo está sempre representando

O corpo no ambiente digital tem sua própria existência. É um corpo moldado pela visão monocular da câmera, um corpo que é território de quem busca sentidos reais, e concretos na realidade simulada sobre si mesmo, onde através da imagem se é construída a identidade representativa, validando essa existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito, as imagens têm sido meio de expressão da cultura humana. Hoje na era das tecnologias de informação e comunicação, observamos o papel fundamental da imagem como modelo de representação e divulgação de ideias em sociedade.

A sociedade contemporânea, principalmente urbana, esta trocando a experiência do momento pela captação imagética, isto é, todos os momentos, os acontecimentos e os fatos precisam ser capturados e não só vividos. Há uma transposição da memória individual para a tecnologia onde o experienciado do momento só é comprovado através das fotografias e não mais através da tradição narrativa. Ocorrendo assim, um não entendimento de que a leitura do mundo precede a leitura da imagem.

A fotografia é uma representação de uma realidade que é produzida a partir de uma experiência cultural do fotógrafo, reflexo das suas relações sociais constituídas. Deste modo à construção do conhecimento pela fotografia ocorre a partir do seu entendimento como mediação e síntese de múltiplas determinações e também da possibilidade de produção artística.

Pode-se dizer que no mundo virtual passado-presente-futuro, estes sentidos que nos dão identidades fazem parte de um único movimento de cognição e apreensão do mundo, isto porque a percepção do sujeito é deslocada do ambiente “real”, da temporalidade objetiva, e é projetada para um plano de comunicação onde tempos e espaços são conectados pela presença dos usuários da Internet. A existência se estabelece no diálogo, na troca, pela interação, pelas interfaces. É neste sentido que o mundo virtual adquiriu materialidade, sendo expressão da imaginação e da comunicação.

A imagem que antes carregava um conceito mais visado para o registro de acontecimentos começa a ser utilizada promocionalmente na construção de uma identidade para a interação nas redes sociais.

A fotografia, através das suas possibilidades de produção e manipulação, consegue também responder às necessidades e inquietações referentes à estética dos indivíduos. Podendo assim ser utilizada de maneira que o usuário desse site tenha a liberdade de criar uma imagem que não se adeque ao que ele representa pra sociedade.

A foto de perfil vai representar nesse site àquilo que quer que as pessoas enxerguem ou pensem a seu respeito, sendo àquilo que se está querendo bancar para elas. Pode ser que para se apresentar nesse site, o usuário acabe construindo uma imagem incoerente ao que representa no seu cotidiano, visando melhorá-la, e assim aumentar a procura por seu perfil nesse site e sua aprovação pelos usuários. No caso,

esse indivíduo estaria transmitindo sua expressividade (sua capacidade de dar impressão) através da fotografia.

Graças a sua precisão icônica a fotografia é capaz de imprimir realidade dentro do contexto das redes sociais, onde o usuário consegue criar/transformar uma imagem representativa sua, construindo sua identidade nesses sites.

Assim, a imagem que antes carregava um conceito mais visado para o registro de acontecimentos começa a ser utilizada promocionalmente na construção de uma identidade para a interação nas redes sociais.

Através desse trabalho, pode-se concluir que a fotografia passa a complexificar o processo de criação de identidades, principalmente pela difusão da internet e das redes sociais *online*. Visto que os usuários das redes sociais, principalmente os jovens, possuem uma necessidade em se promover através do uso da imagem.

Portanto, vale-se refletir sobre a importância da imagem na sociedade contemporânea, sua capacidade de influência nas mídias e nas tecnologias virtuais, suas possibilidades na produção subjetiva, onde os parâmetros de pensar e de viver efetivam novas formas de contato e expressão das relações humanas, do processo de autonomia e da criatividade. Dando base a teoria de que a imagem é construtora do caráter identitário, com foco nas fotos de perfil de usuários do Facebook.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Pequena História da Fotografia**. In.: \_\_\_\_\_. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7.ed.São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. In.: \_\_\_\_\_. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7.ed.São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHARNEY, Leo. SCHWARTZ, Vanessa. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Editora 2a, São Paulo, 2004.

CIAVATTA, Maria; CAMPELLO, Ana Margarida. **Do discurso à imagem – fragmentos da história fotográfica da reforma do ensino médio técnico no CEFET Química**. In: *cultura de mercado no ensino médio técnico*. 2002. p.311-341.

FRIGOTTO Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. *A formação do cidadão produtivo*.

GOFFMAN, Everning. **A representação do Eu na Vida Cotidiana**. Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

Gabriel Collares. **Imagem digital e manipulação** (Walter Benjamin : *Imagens*, Carlos Pernisa (orgs) Mauad). Ed. Ltda, 2008.

KUBRUSLY, Claudio. **O que é fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROUILLE, André. **A fotografia - entre documento e arte contemporânea**. Trad. Constancia Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SANTAELLA, Lucia. NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CHARNEY, Leo. SCHWARTZ, Vanessa. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Editora 2a, São Paulo, 2004.

Camargo, Hertz. **O Eu e o outro: a manipulação do corpo na fotografia digital**. *Revista de estudos em linguagem e tecnologia* ano2, n2, Rio de Janeiro, 2009.

Gioseffi, Maria. **Imagens, memórias, devaneios, virtualidade: no tempo das tecnologias digitais**. *Revista de estudos em linguagem e tecnologia* ano2, n3, Rio de Janeiro, 2009.